

**N'GOLA CINE,
O PAÍS EM QUE VIVEMOS**
A propósito da exposição de Yonamine

Em princípios de 1975, o N'gola Cine ainda existia: recordo ver autocarros *double-deck* (cabina dupla), destes que ainda hoje podemos ver a andar pelas ruas de Londres, parar em frente do cinema. Atualmente, o N'gola Cine já não existe como tal, resta apenas o lugar em que estava situado transformado em grande armazém de comércio a grosso e a retalho: agora são os *hiaces* dos candongueiros que, como formigas, pairam a volta do largo.

Porém, o N'gola Cine já foi um país: saíamos das casas das nossas famílias, - o país da infância-, íamos lá ver, nas matinées, qualquer filme e o *Trinitá Cow Boy Insolente* era um deles, para sonhar com aventuras - o país do futuro- . Dinis Canhanga, - o pioneiro que içou a bandeira no dia da Independência de Angola-, frequentava o cine N'gola.

Todos nós - o Dinis e a rapaziada das cês e das bês, a das casas redondas e as dos prédios do Simão Toco e do Caputo, incluindo as que residiam à beira da rua D. João II (Hoje Lino Amezaga) - vivíamos ali bem perto do N'gola Cine, sem saber que o filme que nunca seria projetado no seu ecrã, afinal, era aquele em que, de algum modo, nós também éramos protagonistas. Na verdade, éramos e continuamos a ser partícipes de um outro filme, aquele que fazemos no nosso dia à dia: é essa interminável história que Yonamine nos convida a reveritar de maneira crítica, pondo no centro das suas reflexões a instalação "Roupa suja lava-se em casa".

"Roupa suja lava-se em casa" é, também, a enunciação de um princípio de soberania cultural que pode ser lido em consonância com a complexidade da transição social e política em curso no nosso país. O mundo mudou e as interferências e a sobre-exposição aos ecossistemas simbólicos e práticas artísticas e históricas que antes poderiam ser consideradas exógenas, atualmente, num mundo cada vez mais global, formam parte de todos e a ideia de "casa" já não é a mesma de há anos atrás: exigir uma leitura endógena, de portas para dentro não é assim tão pacífico e este é um risco que o artista corre.

Na exposição na galeria Jahmek Contemporary Art, o cine N'gola é uma metáfora sarcástica que o artista Yonamine nos propõe para analisar, com senso comum e olhar emancipado, a história mais recente de Angola, numa *démarche* de fôlego e acutilância como nos tem acostumado, de modo muito particular e depurado, desde a sua instalação "Pão nosso de cada dia" (2017) mesmo que, segundo Suzana Sousa, na sua obra "Dipoló"(2010) e na sua exposição "Luz Veio" (2013), já lá estão muitos dos elementos que utiliza de maneira impactante e noutra escala.

Entretanto, não cabem dúvidas que, as colagens - rasgadas, intervidas, coladas, riscadas, superpostas - são já hoje uma das marcas distintivas da primeira fase importante na trajetória artística de Yonamine. Com "Pão nosso de cada dia", o artista passa uma dimensão criativa mais efetiva em termos de mensagem, resgatando, subvertendo e embelezando uma estrutura similar à dos azulejos, tão próprios de um segmento importante da narrativa visual colonial para, paradoxalmente, questionar o pós-colonialismo, a pós-independência e o culto à personalidade que ela instaurou.

Com "Roupa suja lava-se em casa" estamos em presença de outra mudança de estratégia do artista, sendo que desta vez em sentido inverso: onde ele acumulava agora esvazia, onde ele organizava em forma de quadrículas agora o faz unindo a irregularidade de contornos que as palavras e frases, por si só, provocam, onde ele antes colava na parede agora pendura, estende ou

"iça na corda" - como Dinis Canhanga fez com a bandeira- como se já tivesse lavado e purificado tudo, como se a realidade tivesse deixado de ser um lençol corrompido e insano.

Em última instância, N'gola Cine é uma grande exposição/installação que representa a história de quarenta e três anos de Independência Nacional (1975- 2018) "estendida" - no sentido coloquial do calão luandense que significa criticar à exaustão-, sem qualquer deferência que não seja aquela que os limites da estética e da reflexão política impõem.

Estamos em 2018 e, apesar de ter efectuado uma mudança de estratégia criativa, Yonamine continua a usar a *"interação dos meios de produção"* artística que, segundo João Silvério, já utilizara na sua exposição "Só China" (2012) ou, de algum modo, continua a insurgir-se contra a *"ideia do apagamento"* de que Paulo Cunha e Silva falara aquando da sua exposição "Tuga Suave" (2008), tão frequente no seu trabalho dos últimos dez anos.

Entre 2008 e 2018, contra "a ideia do apagamento" e utilizando uma intensa "interação de meios de produção artística", Yonamine passou a fazer parte dos artistas angolanos de vanguarda, que participam num dos mais tensos cenários da batalha pela autorrepresentação e autorreferencialização histórica e identitária, tratando de definir-se e distinguir-se tanto com respeito das práticas artísticas locais como irrompendo no cenário da arte internacional, sem qualquer tipo de preconceito ou de acanhamento.

Na verdade, o desafio do artista e os da sua geração foi o de fugir dos lugares comuns, afastar-se dos terrenos trilhados e dos clichés nacionalistas das décadas de 80 e 90 do século passado para, à vontade, voltarem a eles com outro olhar, tratarem temas nunca abordados ou refletirem sobre temas atuais, que preocupam ao cidadão.

O culto da personalidade, o passado socialista, a injustiça social, a sem-razão da retórica e dos slogans políticos pseudo comunistas e o fracasso da ditadura do proletariado, em Angola, mas também em que "país vivemos e em qual queremos viver" são temas que são tratados com ironia, sarcasmo, crítica e humor, em muitas das obras de Yonamine.

E se desta vez é o N'gola Cine que interessa a Yonamine é porque como todos os que vivemos naquele país da nossa infância, ele também recorda bem o ambiente de antes e durante as matinés. Como ele nos confessou, ninguém poderia esquecer estes momentos em que era possível:

"Sentir a emoção do filme sem estar dentro do cine; de comprar bilhetes na candonga quando já estavam esgotados na bilheteira e das bichas enormes para comprar bilhetes para ver filmes que ficavam meses a passar até a fita riscar toda".

Se antes não sabíamos bem, de onde é que provinha o impulso em riscar tudo, talvez agora estejamos mais próximos de o saber.

Mas N'gola Cine inscreve-se na reutilização da parede e do estendal como suporte, as vezes real e outras evocado, para falar tanto sobre as sombras da história como sobre a luz da independência criativa. Na realidade ou na ficção, na rua ou no cinema, fora ou dentro da galeria, o que não podemos perder de vista é que toda obra de Yonamine é uma prova da sua cidadania artística, política e social comprometida e consciente das principais preocupações do seu tempo, do lugar da sua identidade e da sua mitologia individuais, em Angola e no mundo.

Adriano Mixinge (Historiador e Crítico de Arte) Abril de 2018